
Resenha do livro *Etnometodologia* de Alain Coulon

Ana Paula de Araújo Augusto*

Sheila Duarte Bandeira*

Fabio Ferreira*

Marcos Landeira de Oliveira*

Bianca de Albuquerque Mathiesen Name*

Vinicius José Alves*

Marta Wada Baptista*

Alexander Silva Macedo*

* Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, Brasil

Resumo

A presente resenha focaliza o livro *Etnometodologia* de autoria de Alain Coulon. Este livro foi publicado no Brasil em 1995 pela editora Vozes. Seis capítulos e mais a conclusão são focalizados pelos autores deste trabalho, que procuraram extrair as principais ideias de Alain Coulon nesta obra.

Palavras-chave: Etnometodologia, Alain Coulon, Garfinkel.

...

Abstract

This review focuses on the book *Ethnomethodology* by Alain Coulon. This book was published in Brazil in 1995 by Vozes. Six chapters and more conclusions are focused on by the authors of this paper, who sought to extract Alain Coulon's main ideas in this work.

Keywords: Ethnomethodology, Alain Coulon, Garfinkel.

...

Resumen

Esta revisión se centra en el libro *Etnometodología* de Alain Coulon. Este libro fue publicado en Brasil en 1995 por Vozes. Los autores de este artículo se centran en seis capítulos y más conclusiones, quienes buscaron extraer las ideas principales de Alain Coulon en este trabajo.

Palabras clave: Etnometodología, Alain Coulon, Garfinkel.

Capítulo I

Alain Lucien Louis Coulon, nascido em 12 de outubro de 1947, sociólogo francês, professor, pesquisador e consultor internacional, é autor de diversos livros publicados e traduzidos em várias línguas. Dentre suas obras, o livro *Etnometodologia* (com título original em francês *L'ethnométhodologie*), traduz os conceitos e métodos de uma corrente da sociologia americana, surgida nos anos de 1960, através da obra fundadora de Harold Garfinkel.

A abordagem metodológica apresentada por Coulon esboça que a importância teórica e epistemológica da etnometodologia, deve-se ao fato da ruptura radical com os modelos já existentes da sociologia tradicional. Desta forma, o autor apresenta a cultura etnometodológica com foco no processo, revirando a tradição sociológica e ampliando o pensamento social, ou seja, analisa a pesquisa através da ideia de que todos nós somos "sociólogos em estado prático", citando em sua obra o autor Alfred Schütz.

A etnometodologia rompe o senso comum e a definição durkheimiana, mostrando que podemos aprender de acordo com aquilo que fazemos para organizar a existência social. É um estudo descritivo e não explicativo, que se interliga com várias correntes para uma reflexão mais contemporânea da sociedade.

Coulon aborda no Capítulo I os precursores da etnometodologia, e cita como fonte primária as obras de Harold Garfinkel, Talcoot Parsons e Alfred Schütz. Inicia descrevendo sobre Parsons e sua teoria da ação, que reabilitou a sociologia teórica de matriz europeia, integrando outros autores. Segundo Coulon, as motivações dos atores sociais são integradas em modelos normativos que regulam as condutas e as apreciações recíprocas, onde compartilhamos valores que nos transcendem e nos governam. Porém, Parsons recorreu à Freud para explicar a regularidade da vida social. Coulon cita também que toda comunicação é imbuída de símbolos que formam um sistema de referência, e que a etnometodologia estabelece uma relação entre o ator e a situação; que não se dá pelos conteúdos culturais e pelas regras, mas na produção de processos interpretativos.

Ao citar Alfred Schütz, Coulon apresenta suas abordagens da fenomenologia social, do conceito de *verstehen* propondo o estudo dos processos de interpretação que utilizamos no dia a dia, para dar sentido às ações nas relações humanas. Para Schütz, o mundo social é a vida cotidiana que esconde uma linguagem com conteúdos inexplorados por pessoas que não tem interesse teórico (mundo intersubjetivo), ou seja, um mundo comum que nos é dado, que está acessível. Coulon cita também o posicionamento de Schütz no que diz respeito aos indivíduos nunca terem experiências idênticas: seus pontos de observação dos objetos e suas motivações para enxergá-los são experiências próprias. A "tese geral da reciprocidade das perspectivas" marca o caráter social da estrutura de permanente ajuste onde as idealizações englobam a possibilidade da troca dos pontos de vistas e a conformidade do sistema de pertinência da outra parte.

Para Coulon, outra fonte da etnometodologia é o interacionismo simbólico, que é uma corrente do pensamento que popularizou o uso dos métodos qualitativos nas pesquisas de campo. O interacionismo simbólico pressupõe que a concepção que os atores fazem para si do mundo social, constitui, em última análise, o objeto essencial da pesquisa sociológica. Muitas críticas são investidas na pesquisa quantitativa por conta de sua concepção, rigor e causalidade nas ciências sociais. A etnometodologia aponta justamente no sentido de demonstrar o quanto a pesquisa qualitativa é tão importante para o entendimento das relações sociais.

A importância do interacionismo simbólico está no papel criativo desempenhado pelos atores sociais, em suas vidas cotidianas. O significado social dos objetos se deve ao sentido que é dado, estabelecendo também uma estabilidade no tempo e uma ordem negociada,

mutável e permanentemente reconstruída. A “teoria dos rótulos” (*labeling theory*), faz parte do interacionismo simbólico e é algo muito presente no dia a dia de nossa sociedade. Os rótulos são criados e os “desviantes” são todos aqueles que fogem às regras, aos padrões e estigmatizados. Os etnometodólogos buscam descrever e entender esse processo de rotulagem e não explicá-lo, visando enfim observar seus efeitos na construção social.

Capítulo II

O movimento etnometodológico é uma corrente sociológica que teve início com seu principal teórico: Harold Garfinkel, através de seus estudos de doutorado, tendo como orientador Talcott Parsons. Exerceram enorme influência sobre seus pensamentos e pesquisas as correntes teóricas de Husserl, Aron Gurwitsch, Schutz e Merleau Ponty.

Garfinkel no ano de 1949 publica seu primeiro trabalho sobre crimes inter-raciais e a definição da situação. Na verdade, trata-se de um artigo onde Garfinkel utiliza-se da ideia de Willian Thomas, de que os atores tomam parte ativa nas situações da vida diária, em seu cotidiano. Um dos princípios fundamentais da sociologia para Thomas era que se homens definem situações como reais, tais situações serão reais em suas consequências. A etnometodologia tenta compreender como os sujeitos veem, representam e sugerem em grupo uma definição de situação.

Em 1952, Garfinkel defende sua tese de doutorado e recebe um cargo na Universidade de Ohio, e em 1954 tem a oportunidade de lecionar na Universidade da Califórnia em Los Angeles UCLA, onde conhece Dell Hymes, um dos pioneiros da etnologia da comunicação. Trabalhando no Instituto Nacional de Doenças Mentais, consagra-se com trabalhos da Escola de Medicina da UCLA, e ali se interessa pelo “caso Inês”, um transexual que compôs o objeto fundamental de seus mais célebres estudos.

Aron Cicourel, em 1955, conquista seu título de mestre pela UCLA, e exercerá papel incontestável na história da etnometodologia, sendo responsável pela constituição da “rede”, tendo como aliados e pesquisadores Sacks, Wieder, Zimmermann, Moerman, Rosette e Castañeda. Em 1963, com Kitsuse, publica um estudo sobre os decisores em matéria de educação.

A difusão intelectual da etnometodologia se faz no final dos anos 60. O caráter aparentemente anti-sociológico se manifesta mais claramente através de um movimento estudantil contestador e da contracultura.

É publicado em 1967 o livro fundador de Garfinkel, e o mesmo considera que os postulados da sociologia devem “considerar os fatos sociais como realizações práticas. O fato social não é um objeto estável, mas o produto da contínua atividade dos homens, que aplicam seus conhecimentos, processos, regras de comportamentos”.

O crescimento do movimento etnometodológico se dá no final dos anos 60 com uma nova geração de estudantes em Santa Bárbara sob a orientação de Cicourel. Importantes publicações marcaram o crescimento do movimento como a obra de Sudnow sobre administração hospitalar da morte, a do próprio Cicourel sobre a delinquência juvenil e a de

McHugh sobre a definição da situação. Em 1970, um importante artigo de Zimmermann e Pollner sobre o mundo cotidiano como fenômeno foi a apresentação mais sistemática para aquela época, da postura etnometodológica em oposição à postura da sociologia padrão.

A partir dos anos 70 a etnometodologia começa a dividir-se em dois grupos: os analistas da conversação, que buscam encontrar em nossos discursos e conversas as reconstruções contextuais que permitem lhe dar sentido e continuidade; e a dos sociólogos, para as quais as fronteiras de sua disciplina se acham restritas aos objetos mais tradicionais que a sociologia estuda. Sendo assim, os anos 70 foi o grande crescimento do movimento etnometodológico.

Capítulo III

Prática, realização

Garfinkel em seus estudos aborda as atividades práticas como sendo circunstâncias práticas, e o raciocínio sociológico prático como temas de estudo empírico; dando a mesma importância e observando as atividades corriqueiras e aos acontecimentos extraordinários, tentando compreendê-los como fenômenos de pleno direito.

A etnometodologia é a pesquisa empírica dos métodos que os indivíduos utilizam para dar sentido e ao mesmo tempo realizar as suas ações de todos os dias, sendo considerada como o estudo de atividades cotidianas triviais ou eruditas. Segundo George Psathas, a etnometodologia se apresenta como “uma prática social reflexiva que procura explicar os métodos de todas as práticas sociais, inclusive os próprios métodos”. Como também, analisa as crenças e os comportamentos de senso comum como elementos necessários de “todo comportamento socialmente organizado”.

Os etnometodólogos têm a intenção de observar o mais próximo possível da realidade social de um grupo comunitário, porém acreditam que os fenômenos cotidianos se adulteram quando examinados através da “grade da descrição científica”.

A etnometodologia observa e descreve o “processo”. “Onde outros veem dados, fatos, coisas, a etnometodologia vê um processo através do qual os traços da aparente estabilidade da organização social são continuamente criados”.

A indicialidade

A vida social se constitui através da linguagem, não dos gramáticos e dos linguistas, mas a da vida de todos os dias. Podem se definir como indicialidade todas as determinações que se ligam a uma palavra, a uma situação. Indicialidade é um termo técnico, adaptado da linguística. Isto significa que, embora uma palavra tenha uma significação trans-situacional, tem igualmente um significado distinto em toda situação particular em que é usada. Sua compreensão profunda passa por “características indicativas” que vão além das informações que lhes é dada. O autor caracteriza a incompletude natural das palavras, que só recebem o sentido completo no seu contexto de produção, quando são indexadas a uma situação de intercâmbio linguístico. A significação de uma palavra ou de uma expressão origina-se de fatores contextuais como a biografia do locutor, sua intenção imediata, a relação única que

mantém com seu ouvinte e suas conversações passadas. Para Garfinkel, as características das expressões indiciais devem ser estendidas ao conjunto de linguagem. Sendo profundamente indicial, na medida em que, para cada membro, o significado de sua linguagem cotidiana depende do contexto em que esta linguagem está inserida, podendo fazer sentido, independentemente, das suas condições de uso ou de enunciação.

A reflexividade

Não se deve confundir a reflexividade com a reflexão. Quando se diz que as pessoas têm práticas reflexivas, isto significa que elas refletem sobre aquilo que fazem. Os indivíduos não tem evidentemente consciência do caráter reflexivo de suas ações. Garfinkel frisa que os membros se desinteressam pelas circunstâncias práticas e ações práticas enquanto temas, não se preocupam em teorizar e consideram essa reflexividade como algo evidente. A reflexividade designa, portanto, as práticas que ao mesmo tempo descrevem e constituem o quadro social. No decorrer de nossas atividades ordinárias, não prestamos atenção ao fato de que ao falar construímos ao mesmo tempo, enquanto fazemos nossos enunciados, o sentido, a ordem, a racionalidade daquilo que estamos fazendo naquele momento. Sendo assim, ela salienta equivalência entre descrever e produzir uma interação, entre a compreensão e a expressão dessa compreensão.

A accountability

Dizer que o mundo social é *accountable* significa que ele é algo disponível, isto é, descritível, inteligível, relatável e analisável. O autor aborda *accountability* como relatos que a partir da reflexividade os atores constroem a realidade. A etnometodologia aborda os relatos do mundo social feitos pelos seus membros como realizações em situação.

A noção de membro

No vocabulário etnometodológico, a noção de membro não se refere à parte social, mas ao domínio da linguagem natural. Não é usado o termo em referência a uma pessoa, refere-se, sobretudo, ao domínio da linguagem comum, que ouvimos da maneira cotidiana.

Tornar-se um membro significa filiar-se a um grupo, a uma instituição, o que exige o progressivo domínio da linguagem institucional comum. Essa filiação repousa sobre a particularidade de cada um, sua maneira singular de enfrentar o mundo, de estar no mundo, nas instituições sociais da vida cotidiana. Uma vez ligados à coletividade, os membros não têm necessidade de se interrogar sobre o que fazem. Conhecem as regras implícitas de seus comportamentos e aceitam as rotinas inscritas nas práticas sociais. Com isso não se é estranho à própria cultura.

Um membro é uma pessoa dotada de um conjunto de modos de agir, de métodos, de atividades, de *savoir-faire*, que a fazem capaz de inventar dispositivos de adaptação para dar sentido ao mundo que a cerca. É alguém que, tendo incorporado os etnométodos de um grupo social considerado, exhibe naturalmente a competência social que o agrega a esse grupo e lhe permite fazer-se reconhecer e aceitar.

Capítulo IV

Em 1967, foi organizado um encontro organizado em Purdue que durante dois dias reuniu duas dezenas de sociólogos, para discutirem sobre a etnometodologia. Nesse encontro, Harold Garfinkel foi convidado pelo presidente da sessão para falar sobre as relações entre a etnometodologia e a etnociência, e explicar sobre as origens da palavra.

Garfinkel explicou que em 1954 foi trabalhar com Fred Strodbeck e Saul Mendlovitz, ambos professores de Direito da Faculdade de Chicago e lá soube de uma pesquisa sobre os jurados dos tribunais. Soube mais, haviam instalado, secretamente, microfones na sala de deliberações do tribunal de Wichita, objetivando gravar as deliberações dos jurados. Garfinkel ficou impressionado pelo fato de que os jurados, sem serem formados nas técnicas jurídicas, eram capazes de examinar um crime e pronunciar-se sobre a culpabilidade dos seus autores. Lançavam mão de procedimentos e de uma lógica de senso comum, como, por exemplo, distinguir o verdadeiro do falso, o provável do verossímil; eram capazes de avaliar a pertinência dos argumentos aduzidos, do decurso do processo.

Com certeza, havia ali práticas de avaliação e de julgamento passíveis de descrição, mas que Garfinkel não conseguia ainda designar por um termo adequado. Somente em 1955, Garfinkel encontrou o termo etnometodologia. Ele estava trabalhando com o fichário das áreas transculturais de Yale e folheando o catálogo. Por acaso, e percorrendo os títulos, encontrou a seção etnobotânica, etnofisiologia e etnofísica. Ele estava pesquisando jurados que aplicavam uma metodologia, mas como dar um nome a essa habilidade? E foi assim que a palavra etnometodologia foi usada no início. Etno sugeria de uma forma ou de outra que um membro dispõe do saber de senso comum de sua sociedade enquanto saber "do que quer que seja. É tão simples assim, e a noção de etnometodologia ou o termo etnometodologia eram tomados neste sentido". Esses jurados sem terem previamente recebido qualquer formação jurídica conseguem tomar decisão sobre um caso, e isso nada mais é do que um método, ou melhor, um etnométodo, onde utiliza o raciocínio lógico prático.

Para a etnometodologia, a atividade científica é, como tal, o produto de um modo de conhecimento prático que pode, ele mesmo, tornar-se objeto de pesquisa para a sociologia, ser por sua vez cientificamente interrogado. O ator social não é um idiota cultural. Os sociólogos concebem o homem em sociedade como um idiota desprovido da capacidade de julgar... O ator social dos sociólogos é um 'idiota cultural' que produz a estabilidade da sociedade agindo em conformidade com alternativas de ação preestabelecidas e legítimas que a cultura lhe fornece (citado em "Arguments").

O objetivismo: isola o objetivo da pesquisa, introduz uma separação entre observadores e observados, relega o pesquisador a uma posição de exterioridade. O subjetivismo: o objeto não é mais uma entidade isolada, está sempre em inter-relação com a pessoa que o estuda. Fundamentalmente, objetivismo e subjetivismo não estão de acordo quanto à natureza da ação social e quanto ao papel atribuído ao ator. Será ele manipulado, sem o saber, por determinismos que o superam? O trabalho do sociólogo consistiria, então, em mostrar os

significados ocultos, em tirar para fora do seu esconderijo o trabalho clandestino dos determinismos sociais.

Garfinkel toma emprestado de Mannheim o conceito de "método documentário de interpretação" que o autor dos *Ensaio sobre a teoria do conhecimento* reservava para o conhecimento científico. Ele mostra que esse "método documentário" já opera na sociologia leiga, isto é, nos procedimentos pelos quais as pessoas se compreendem reciprocamente e pesquisam o próprio mundo cotidiano.

O método documentário de interpretação implica a busca de um "padrão idêntico homólogo subjacente a uma enorme variedade de realizações totalmente diferentes de sentido". O método consiste em tratar uma aparência de fato como "um documento de", como capaz de "designar" (mostrar), como "sendo em nome de" um suposto, modelo subjacente.

Deve-se compreender *pattern* como aquilo que é *accountable*, isto é, relatável-observável-descritível, que remete a um sentido, e, portanto, a um processo de interpretação.

O método documentário de interpretação permite ver as ações dos outros como a expressão de *patterns*, e esses *patterns* permitem ver o que são as ações. Os indivíduos desvelam para si a realidade social, eles a tornam "legível", construindo *patterns* visíveis.

O trabalho do método documentário é esse esforço incessante de ver as coisas em perspectiva, de avaliar possibilidades oferecidas, de levar em conta as condições temporais, ao qual o ator se entrega permanentemente para compreender os seus atos bem como os dos outros.

O raciocínio lógico prático e a análise de conversação

Um dos campos mais desenvolvidos e ricos da etnometodologia é sem dúvida a denominada análise de conversação. Esse campo é considerado autônomo porque se afasta da problemática da sociologia e é o programa mais completo da etnometodologia. Como definição podemos dizer que a análise da conversação é o estudo das estruturas e das propriedades formais da linguagem.

Jonh Heritage resume três hipóteses da análise da conversação:

1. a interação é estruturalmente organizada;
2. as contribuições dos participantes dessa interação são contextualmente orientadas: o procedimento de indicação dos enunciados a um contexto é inevitável;
3. essas duas propriedades se realizam em cada detalhe da interação, de tal sorte que nenhum detalhe pode ser posto de lado, como se fosse acidental ou não pertinente.

As formas de conversa determinam sua compreensão. Uma gramática da ação pode realçar a competência dos participantes para produzir ações políticas (p. 59)... A competência política faz parte do conhecimento comum da estrutura social, esta competência deve ser descrita e não construída (p. 63).

Capítulo V

Neste capítulo, Coulon apresenta os obstáculos causados pela forma distorcida de entendimento do termo etnometodologia. Ele aponta para a perspectiva de Garfinkel, que

propõe a divisão do termo etno-metodologia tendo em vista buscar na origem da palavra o esclarecimento necessário, e defini-lo como a ciência dos etnométodos, sendo estes os procedimentos de um raciocínio lógico prático.

Para um etnometodólogo, os comportamentos e atividades de um indivíduo não são formatados a partir da sua posição social, não sendo os mesmos internalizados e reproduzidos conforme as normas vigentes de forma automática. O homem estudado na sociologia tradicional não é reflexo da sua história da sua biografia, ele é fictício e fruto de um modelo. Para etnometodologia, o interessante é observar os métodos com os quais o indivíduo se utiliza no senso comum para construir seu mundo cotidiano. Neste sentido, Garfinkel dá o nome de indiferença metodológica, quando o membro de um grupo é capaz de fazer suas descrições sobre determinado fenômeno sem atribuir a este um juízo, pertinência, ou valor previamente estabelecido, valendo neste sentido o uso da linguagem natural. E diante disto, o texto aponta o que o autor chama de provocação experimental, que considera desarrumar a ordem moral estabelecida, rompendo com as rotinas que de alguma forma conduzem as ações.

Pautado na crítica aos métodos quantitativos, o texto analisa a contribuição da obra Cicourel em 1964. Em um primeiro momento chama atenção para linguagem utilizada pelo sociólogo, em seguida aponta para não quantificação ou medição para os fatos sociais, mas sim defende a clarificação dos mesmos.

Em seguida o texto traça a relação entre a etnometodologia, a etnografia constitutiva e a sociologia qualitativa. Ele relata que ao se encaminharem à prática, os etnometodólogos lançam mão dos instrumentos da etnografia. Hugh Mehan propõe um enfoque pautado na etnometodologia, ao qual denomina de etnografia constitutiva, que pressupõe sua ação sobre hipóteses interacionistas. Este princípio na perspectiva etnometodológica, corresponde às construções práticas dos fatos sociais. O texto aponta ainda para outros quatro princípios, são eles: a disponibilidade dos dados consultáveis, a exaustividade do tratamento dos dados, a convergência entre pesquisadores e participantes no que diz respeito à visão dos acontecimentos, e por fim a análise interacional. Na necessidade da ida a campo, os etnometodólogos utiliza-se de observações, diálogos, estudos e tantos outros instrumentos. Adiante apresenta-se a etnografia reflexiva cujo propósito é explicar ao mesmo tempo o objeto de estudo e a metodologia (démarche).

Outro conceito trabalhado no texto é o *traching* que em sua tradução corresponde a seguir o caminho de alguém, o que na etnometodologia significa seguir os rastros deixados, os vestígios de alguém. Quando este apresenta uma linguagem natural pode-se correlacionar ao que a pesquisa etnometodológica chama de membro aquele que apresenta ser parte integrante daquele grupo.

Capítulo VI

De acordo com Coulon em sua abordagem inicial do capítulo 6 (seis) desde a origem do movimento os etnometodólogos se consagram em seus estudos. Garfinkel se preocupou com

tribunais e criminologia. O problema social está no centro das teses defendidas na corrente etnometodológica, mas o racha com a sociologia positivista incidi não nos métodos de campo de cada área estudada. Os etnometodólogos enfatiza as práticas interacionais que compreendem os fatos sociais que não são coisas, mas realizações práticas. Este capítulo apresenta vários exemplos da perspectiva etnometodológica. Coulon descreve um estudo realizado na educação, pelo pesquisador Mehan onde acredita que a maioria dos pesquisadores da sociologia aborda as estruturas sociais como se fossem "fatos sociais", obrigatórios. Em outras palavras, ele usa o exemplo da caixa preta onde se interessa em pesquisar o processo de entrada e saída. Desse modo, deixa de analisar o que ocorre no interior da caixa preta (escola). Acredita Mehan que o estudo das condições concretas em que se desenrola cotidianamente o processo educativo, é indispensável para quem quer compreender a influência da escola sobre a vida futura das pessoas. Coulon destaca a pesquisa realizada por Mehan e seus colaboradores. Onde investigou uma sala de aula com alunos de etnias e idades diferentes, procurando conhecer como nascem e se estruturam a organização social instituída. Demonstraram que o trabalho de interação entre professores e os alunos produzem a organização da classe. Como exemplo, desta interação, o professor apresenta algumas regras aos alunos: não correr na sala de aula, ser limpo, respeitar os outros. A interpretação de quando e como as regras devem ser respeitadas, ocorre nas interações entre os atores atribuindo significado ao funcionamento das regras. Ao pesquisar testes e os exames o autor Mehan citado por Coulon, analisou a maneira como as respostas são produzidas no decurso da aplicação dos testes. Observou que durante o teste o aplicador interferiu 21 vezes de um total de 65 perguntas. Desse modo, auxiliando o aluno a ter 27% maior de sucesso em responder as questões. Em outro estudo chegou a acertar 44% a mais das questões com ajuda do aplicador da prova. Mascarando o desempenho dos alunos em três formas diferentes: a interpretação do aluno para chegar uma resposta, a interferência do aplicador para ajudar nas respostas que julga estão corretas, resposta produzida conjuntamente com aplicador da prova e os alunos. Em outro estudo citado por Coulon, os pesquisadores Cicourel e Kitsuse abordaram o papel dos orientadores, que teve como propósito analisar como é que são tomadas essas decisões, capitais para o futuro dos estudantes. Desse modo a etnometodologia ajuda a compreender os mecanismos cotidianos, ordinários, pelos quais se organiza e se produz localmente a seleção social. Concluiu que as decisões de orientação, tomadas no decorrer das interações, dependem, portanto, do juízo subjetivo do orientador, e das representações que ele faz do aluno." (p. 100)

O estudo realizado por Cicourel sobre delinquência juvenil enquanto fenômeno social, buscou compreender como estes jovens são classificados em categorias de desvio, através das fontes que produzem os relatórios classificatórios, como exemplos os policiais, educadores e os magistrados. O texto cita o exemplo da Audrey, que furtou dinheiro de seus colegas na escola, observou que ela era sedutora, não tinha comportamento agressivo ou outras características que a tornasse suspeita para cometer os delitos, desse modo, não corresponde ao perfil habitual de ladrões crônicos. Na busca de classificar e criar relatórios tornou-se candidata a interpretação clínica, com isso, criou um rótulo que caminha com ela, dessa forma, as atitudes futuras sempre serão analisadas a partir do rótulo que recebeu. Com isso, cada atitude incorreta confirma o diagnóstico social e psicológico inicial, assim a identidade delinquente de Audrey é construída.

Novamente o autor Coulon descreve sobre os fatos sociais que são os produtos, no entanto, esquece que são as atividades práticas que os formam. Garfinkel e seus alunos promove um estudo sobre a vida de laboratório. Cita como exemplo a descoberta do pulsar ótico, feita por quatro astrofísicos. Observações e historicidades, feitas em tempo real e em uma ordem precisa, utilizando técnicas e recursos, que possibilitam chegar a uma conclusão. O trabalho de garfinkel e seus colaboradores, foi demonstrar que mesmo em um estudo científico com auto rigor metodológico quantitativo é possível analisar as atividades pelas quais os pesquisadores encontram os seus resultados fundamentais. "O fim das pesquisas dos etnometodólogos sobre a ciência não é mostrar como as estruturas sociais agem sobre a atividade científica. Elas se interessam pelo trabalho científico em si mesmo." (p.109). Colon ao estudar a burocracia aborda o estudo promovido Zimmerman. Este apresenta dois questionamentos centrais "Mas o que é que confere a uma folha de papel validade oficial? Como é que os funcionários reconhecem, nesse documento, um suficiente valor probante e, ao contrário, o que lhes serve de base para recusarem outro documento, cujo conteúdo é no entanto igual ao do primeiro?" (113). Ele pesquisou os processos trabalhistas e os argumentos no órgão da assistência social, os funcionários reconhece que os documentos apresentam caráter evidente. O caráter "evidente" de um documento depende com efeito da representação do mundo que se fazem tanto o funcionário como o cliente. O documento sendo reconhecido por um funcionário através de seu caráter evidente, demonstra competência profissional. Entretanto, quando o documento apresenta indícios de problemas, é analisado através de regras e procedimentos, desse modo sendo aceito ou recusado.

Conclusão

A obra de Alain Coulon, com o título original em francês *L'ethnométhodologie*, traduz os conceitos e métodos de uma corrente da sociologia americana, surgida nos anos 60, através da obra fundadora de Harold Garfinkel. Essa abordagem metodológica apresentada por Coulon, se baseia na importância teórica e epistemológica da etnometodologia aplicados à educação na sociologia francesa, rompendo radicalmente com os modelos já existentes da sociologia tradicional.

Por ser um estudo descritivo e não explicativo, interligando várias correntes para uma reflexão mais contemporânea da sociedade, a etnometodologia apresenta um caráter inovador em uma linha de investigação que foi inspirada nas formulações de Garfinkel e Cicourel, sobre os estudantes universitários em momento de transformação do ensino superior francês. A partir dos anos 1980, a universidade francesa sofreu processo intenso de abertura de oportunidades de acesso, reunindo um público amplo e heterogêneo de estudantes que demandava novas abordagens para a compreensão de sua experiência acadêmica.

Esse universo de investigação eleito por Alain Coulon constituiu o material empírico que permitiu ao autor a produção não só de novas metodologias de pesquisa como a formulação de novas categorias de análise, elucidativas dessas novas realidades.

No Brasil, ofereceu apoio à criação de observatórios da vida estudantil em diferentes universidades, bem como ações sistematizadas de afiliação e sucesso acadêmico, revelando-se um caminho promissor para a pesquisa.

A abordagem de Coulon permitiu que o ensino superior brasileiro a partir dos desafios para as pesquisas, pudesse enfrentar de forma fortalecida os diálogos com pesquisadores e a compreensão dessas novas realidades, superando as desigualdades estruturais e persistentes que configuram historicamente a universidade.

Coulon aborda no Capítulo I os precursores da etnometodologia e cita como fonte primária obras de Garfinkel, Talcoot Parsons e Alfred Schutz, descreve a teoria da ação, a comunicação imbuída de símbolos que formam um sistema de referência e, a relação que a etnometodologia estabelece entre o ator e a situação, produtos de processos interativos. Cita as abordagens da fenomenologia social de Schutz, propondo processos de interpretação que utilizamos no dia-a-dia dando sentidos às ações nas relações humanas, onde os atores tomam parte ativa nas situações da vida diária, em seu cotidiano.

A etnometodologia tenta compreender como os sujeitos veem, representam e sugerem em grupo uma definição de situação.

O Capítulo II, Coulon aborda a difusão intelectual da etnometodologia no final dos anos 60. O caráter aparentemente anti-sociológico se manifesta mais claramente através de um movimento estudantil contestador e da contracultura. Conforme o livro fundador de Garfinkel, que considera que os postulados da sociologia devem "considerar os fatos sociais como realizações práticas, direcionando para os fatos sociais não serem um objeto estável, mas o produto da contínua atividade dos homens, que aplicam seus conhecimentos, processos, regras de comportamentos.

Entretanto, sobre o mundo cotidiano como fenômeno, foi a apresentação mais sistemática para aquela época, da postura etnometodológica, em oposição a postura da sociologia padrão. A partir dos anos 70 a etnometodologia começa a dividir-se em dois grupos: os analistas da conversação, que buscam encontrar em nossos discursos e conversas, as reconstruções contextuais que permitem lhe dar sentido e continuidade; e a dos sociólogos, para as quais as fronteiras de sua disciplina se acham restrita aos objetos mais tradicionais que a sociologia estuda.

O Capítulo III, são abordados os conceitos: 1) Prática, realização; 2) Indicialidade; 3) Reflexividade; 4) A accountability e 5) A noção de membro.

Esses conceitos abordam as atividades práticas e o raciocínio sociológico prático, onde o objetivo é observar e descrever o “processo” mais próximo da possível realidade social de um grupo comunitário; A linguagem definida como indicialidade ligadas as palavras e as situações, originárias de fatores contextualizados como a biografia do locutor; a reflexividade constituída pelo quadro social, a racionalidade daquilo que estamos fazendo naquele momento, onde é imprescindível descrever e produzir uma interação entre a compreensão e a expressão dessa compreensão.

O capítulo IV reforça a ideia e os atores sociais são sociólogos em estado prática. Não podem ser considerados idiotas sociais. A capacidade que têm de refletir sobre o cotidiano de suas ações é fundamental para a postura etnometodológica. Resgata-se, também, neste capítulo a discussão entre objetivismo e subjetivismo.

Importante esclarecer o entendimento sobre a etnometodologia, em que Garfinkel esclarece a necessidade de defini-lo como a ciência dos etnométodos. A etnometodologia enxerga a relevância nos métodos do senso comum para construir seu mundo cotidiano. Garfinkel ressalta que um membro de um grupo deveria descrever um fenômeno sem atribuir um juízo de valor, valendo-se sempre das linguagens originais.

Coulon destaca que desde a origem do movimento os etnometodólogos se consagraram em seus estudos. Garfinkel se preocupou com tribunais e criminologia. O problema social é o cerne das discussões etnometodológicas, enfatizando as práticas interacionais. A etnometodologia incomodou o meio sociológico, trazendo uma batalha que teve início em 1968. Lewies Coser relaciona as duas tendências como se fossem rumações exotéricas e sectárias. Zimmerman relata que Coser não compreendeu a etnometodologia, explicando que este método trabalha com relatórios do mundo social, que são desenvolvidos e transmitidos por seus membros. A etnometodologia não se reduz tampouco à fenomenologia. Métodos muito variados são de fato empregados; laboratórios, etnografias, estudo de campo, sondagens, utilização de filmes.

Enquanto a sociologia tradicional vê nas instituições o quadro já pronto, a etnometodologia se debruça sobre o trabalho de instituição no dia-a-dia. Garfinkel lembra que a etnometodologia nascera de uma releitura daquilo que denominou o aforismo de Durkheim, segundo o qual “a realidade objetiva dos fatos sociais é o princípio fundamental da sociologia”. O referido autor ainda aponta o slogan, ou a fórmula-chave que dá acesso direto e profundo a etnometodologia.

“A análise de conversação e a etnometodologia, diz-nos Garfinkel, fazem novo exame desse aforismo que se deve interpretar de outro modo e reler de tal sorte que se possa do que ele falava”.

Referência

Coulon, A. (1995). Etnometodologia. Petrópolis: Vozes.

Recebido em: 03/05/2019

Aceito em: 10/07/2019

Endereço para correspondência:

Ana Paula Augusto
ana.augusto@ifrj.edu.br



Esta obra está licenciada sob
uma Licença Creative Commons
Attribution 3.0